

A QUESTÃO DO IMAGINÁRIO EM FREUD E BACHELARD

Marly Bulcão

Universidade Federal do Rio de Janeiro

I – PROPÓSITO

Pretendemos neste trabalho abordar o problema do imaginário, cuja importância temos que reconhecer pois o encontramos presente em todas as atividades humanas: na ciência, na arte, na religião e na linguagem.

Diz Paul Ricoeur em seu "Ensaio sobre Freud": o simbólico é a mediação universal do espírito entre nós e o real; ele pretende exprimir, antes de tudo, a não mediatidade de nossa apreensão da realidade".

Com o fim de estudar o imaginário, vamos trabalhar dois pensadores do nosso século, cuja importância não é preciso destacar. São eles: Freud e Bachelard. Ambos vão tratar o problema, procurando ressaltar o papel primordial da imaginação como atividade suprema do ser humano.

Se, por um lado, Bachelard vê na imagem um obstáculo ao desenvolvimento da ciência, mostra também que é através do imaginário que o homem, entregando-se à ingenuidade do maravilhamento, se confunde com o cosmos.

Em Freud vamos deter-nos no estudo do sonho, que como análogo das demais atividades imaginativas, apresenta todas as principais características do imaginário.

Para Bachelard o devaneio é superior ao sonho noturno, que é cotidiano, simulado e impessoal, enquanto o devaneio nos faz habitar o mundo cósmico e é uma tomada de consciência de si.

Em Freud, o sonho é a linguagem dissimulada do desejo, que expressa o âmago e a intimidade do ser humano. Assim como a arte, a religião e todas as produções psíquicas, o sonho possui um sentido, que vai ser alcançado através da psicanálise.

Depois de expor as principais colocações dos dois pensadores, procuraremos na conclusão fazer um paralelo, onde analisaremos os pontos comuns, assim como as diferenças que surgem no tratamento do problema.

II – FREUD E O IMAGINÁRIO

1 – Introdução

Não poderíamos começar um estudo de Freud, sem antes falarmos da importância do seu pensamento. Uma reflexão sobre sua obra nos revela, de imediato, vários aspectos significativos. Além de renovar a psicologia de sua época, Freud fez uma reintegração das produções psíquicas relacionando-as com a cultura. Embora seus vários textos sobre arte, moral e religião estejam na última parte de sua obra, não podemos afirmar que sua teoria da cultura é uma derivação tardia da psicologia do indivíduo, pois desde o início alternaram-se os estudos de psicologia, arte, moral e religião. Sendo uma interpretação da cultura, a psicanálise assume um papel importante no pensamento contemporâneo, pois refletindo sobre as manifestações culturais, torna-se capaz de as modificar.

Além disso, o pensamento de Freud abriu um novo caminho à investigação do psiquismo. Enquanto a ciência de sua época estudava os fatos psíquicos como decorrentes dos aspectos fisiológicos, Freud passou a estudá-los a partir deles mesmos, procurando encontrar no próprio psiquismo a sua explicação.

Outro aspecto significativo do projeto freudiano foi ter introduzido uma nova compreensão do homem, ao afirmar que todos os atos humanos têm um sentido, mesmo os atos neuróticos ou psicóticos. Bastaria se descobrir tal sentido para se chegar à verdadeira compreensão do ser humano.

Vamos abordar aqui o imaginário no pensamento de Freud, procurando deter-nos no estudo do sonho, que consideramos importante já que, em Freud, o sonho é um análogo das diversas expressões culturais, que, assim como ele, são expressões dissimuladas do desejo humano. É através do sonho que podemos explicar os fenômenos da cultura, tais como: arte, moral, e religião. Diz Paul Ricoeur em sua obra sobre Freud: “o sonho não é um termo que se fecha, sobre um fenômeno até certo ponto marginal da vida psicológica, sobre a fantasia de nossas noites, sobre o onírico. Ele se abre a todas as produções psíquicas enquanto são análogas do sonho, na loucura e na cultura, quaisquer que sejam o grau e o princípio desse parentesco”.¹

Durante a época de Freud havia por parte dos cientistas e psicólogos um desprezo em relação ao estudo do sonho. Somente aqueles que tinham inclinação para o misticismo se interessavam por tal assunto

que era sempre relegado ao nível de superstição. Um estudo sobre o sonho não poderia ser científico, pois como afirmavam os psicólogos da época, só o conhecíamos através do relato do sonhador, o que comprometia a objetividade da pesquisa.

Por outro lado, alguns cientistas chegaram a pesquisar o sonho, tentando, porém, reduzi-lo ao aspecto fisiológico, afirmando que se tratavam de atos não psíquicos, uma simples expressão na vida mental de estímulos somáticos. Wundt, por exemplo, se interessou pelo sonho contentando-se, apenas, em mostrar os aspectos em que a vida onírica diferia do pensamento desperto. Em seus estudos os sonhos são depreciados, segundo Freud, pois Wundt afirma que no sonho a crítica cessa por completo, as associações se rompem e o conhecimento é totalmente eliminado.

O interesse de Freud pelos sonhos surgiu quando estudando as neuroses, os doentes muitas vezes, em vez de contar seus sintomas, relatavam os sonhos que haviam tido durante a noite. Os sintomas patológicos e os sonhos apresentavam algo em comum, ou seja, ambos pareciam desprovidos de sentido. Se, num primeiro momento isto pareceu verdade, a psicanálise mostrou que todo ato humano tem um sentido e só parece destituído de significação quando este sentido está dissimulado.

O objetivo de Freud foi compreender as atitudes neuróticas e os sintomas patológicos que, para ele, tinham uma significação. Dessa forma Freud se opôs à psicologia de sua época, acreditando na possibilidade de compreender o sentido do comportamento humano. Diz Paul Ricoeur: "O enigma não bloqueia a inteligência, mas a provoca; há algo a desenvolver, a desimplicar no símbolo; é justamente o duplo sentido, a visada intencional do sentido segundo no e pelo sentido primeiro, que suscita a inteligência".²

2 — O Estudo do Sonho

A principal obra de Freud sobre o tema dos sonhos foi "A Interpretação dos Sonhos", embora esse assunto tenha aparecido em quase todos os seus livros. Na obra "Conferências Introdutórias sobre Psicanálise" podemos encontrar de forma sintetizada todos os aspectos e conclusões importantes sobre os sonhos.

Procuraremos aqui expor o dito por Freud sobre esse tema. E para que fique mais claro tentaremos destacar cinco afirmações, que nos parecem ser uma síntese do que foi dito.

A primeira afirmação é: **o sonho é um fenômeno psíquico e tem um sentido.**

Como vimos anteriormente, a ciência psicológica da época de Freud quase não se interessou pelo estudo dos sonhos. Alguns cientistas,

porém, afirmavam que o sonho nada mais era do que uma reação a estímulos internos ou externos. Muitos psicólogos fizeram experiências que confirmavam tal suposição. Maury tentou realizá-las consigo mesmo, a fim de provar que o sonho era uma reação a estímulos exteriores. Uma das experiências consistiu em cheirar durante o sono um pouco de água da colônia, o que fez com que ele sonhasse estar em uma loja de perfumes no Cairo. Noutra experiência lhe beliscaram o pescoço, e ele sonhou com um médico que o tratara quando criança, aplicando-lhe uma cataplasma de mostarda.

Segundo os psicólogos experimentais havia também relação entre o conteúdo de alguns sonhos e a sensação da bexiga cheia ou o estado de excitação dos órgãos sexuais, o que mostrava o determinismo dos estímulos internos no sonho.

Refletindo sobre tais experiências, Freud chegou à conclusão de que os estímulos internos e externos explicavam parte do sonho, mas não a reação onírica na sua totalidade. Havia no sonho, uma parte que consistia numa reação direta ao estímulo, mas isso era enquadrado em todo um contato que permanecia inexplicado, como diz Freud: "Os sonhos não fazem simplesmente reproduzir o estímulo; eles o vertem, fazem alusões a eles; o incluem em algum contexto, o substituem por alguma outra coisa".³

Daí a conclusão freudiana de que o sonho é um fenômeno psíquico e seu sentido deve ser encontrado nele mesmo.

O segundo item que vamos analisar é: **a distinção entre conteúdo manifesto e pensamento onírico latente.**

Na tentativa de encontrar o sentido do sonho, Freud faz uma análise dos pontos comuns e das diferenças existentes nos sonhos.

Havia de comum o fato de todos eles apresentarem as coisas sob a forma de imagens visuais, enquanto as diferenças eram muitas, pois alguns eram curtos e outros longos, alguns eram claros e outros obscuros e muitas outras. Como fosse impossível descobrir o sentido do sonho partindo da análise dos pontos comuns e das diferenças, Freud concluiu que o sentido existia mas não o aponta nitidamente no elemento onírico, isto é, o sentido estava oculto. Diz Freud: "o elemento onírico não é a verdadeira coisa em si, porém tão-somente está em lugar de alguma outra coisa, da coisa original que desconheço e devo descobrir mediante a análise do sonho".⁴

Descobrir o significado do sonho constituía um problema difícil, pois embora o sonho fosse um fenômeno psíquico e, como tal, uma comunicação do sonhador, este mesmo, reconhecia que desconhecia o sentido da sua reação onírica. Lembrando-se de um método usado em dois outros campos de estudo, Freud, resolveu usar a técnica da associação livre. No estudo da parapraxia e da hipnose, Freud verificou que a pessoa

sabia o porquê do seu comportamento, mas desconhecia que sabia e, por isso, negava quando questionado. Somente a técnica da associação livre, que consistia em fazer o sonhador dizer tudo que lhe viesse à mente, poderia suscitar a emergência desse material original que estava oculto. Como há vínculos das idéias que ocorrem à mente com grupos de idéias e de interesses emocionais, que são inconscientes, essa técnica vai suscitar a emergência de outras estruturas substitutivas.

Poderíamos distinguir, então, o elemento onírico propriamente dito, que era consciente, do material original, que estava oculto e, que sendo inacessível para a consciência passa a ser "inconsciente", segundo a denominação freudiana.

Freud chamou de conteúdo manifesto aquilo que o sonhador nos relata e de pensamento onírico latente o material oculto original.

Passemos ao terceiro item que é: **o sonho é a satisfação de um desejo recalcado.**

Examinando os sonhos de criança, Freud constatou serem eles claros, coerentes, fáceis de entender, e sem ambigüidades. Neles via-se nitidamente que o sonho proporcionava uma satisfação de um desejo que não pudera ser realizado na vida real. Daí Freud concluiu que a função dos sonhos era a de guardião do sono, pois eles eliminavam pelo método da satisfação alucinatória, estímulos perturbadores do sono.

Nos sonhos dos adultos não existe essa clareza, essa coerência, porque neles essa satisfação do desejo está despistada. Esse despistamento é o efeito de um trabalho, a elaboração onírica, que usa de mecanismos complexos, tais como: condensação, deslocamento e figuração sensível, que é a transformação de pensamentos em imagens visuais. Tendo os sonhos de adulto sofrido uma deformação a fim de despistar a satisfação do desejo que se acha oculto, torna-se necessária a técnica psicanalítica para explicar essa deformação e lhe dar um sentido.

O quarto item que nos propomos a examinar é: **a censura é a responsável pela deformação onírica.**

O sonho apresenta lacunas, elementos duvidosos no meio de outros construídos claramente, além de produzir atenuações, aproximações e alusões em vez da coisa original. Freud viu nisso um paralelo de eventos que aconteciam com freqüência em sua época. Diz ele: "Tomem qualquer jornal político e verificarão que aqui e ali o texto está ausente e, em seu lugar, não se vê nada mais que papel em branco. Isto, como sabem, é obra da censura da imprensa. Nos espaços vazios havia algo que não agradou às autoridades superiores da censura, e por este motivo foi removido — é uma pena, como vêem, pois sem dúvida era o que de mais interessante havia no jornal — o "melhor pedaço".⁵

Algumas outras vezes, em lugar de as suprimir por completo, a censura obrigava a modificações ligeiras, resultando apenas alusões em lugar do assunto original.

Por isso Freud concluiu que no sonho também a censura era a responsável pela deformação da idéia original e que tal censura ocorria porque os desejos inconscientes contrariavam barreiras éticas. Diz Freud: "a deformação onírica é conseqüência da censura exercida por intenções reconhecidas do ego contra impulsos plenos de desejos de qualquer modo censuráveis, que perturbam nosso interior, à noite, durante nosso sono.

E, finalmente, vamos analisar a última idéia importante expressa por Freud ao estudar o sonho. É a que se refere ao **simbolismo dos sonhos**.

Ao tentar aplicar a técnica da associação, Freud se depara com o que ele denomina de "elementos oníricos mudos", que são partes do sonho que não suscitam nenhuma idéia.

Se, porém, tais elementos são substituídos por uma idéia, o sonho se torna claro e passa a ter um sentido. A acumulação de muitos casos mostra que há uma constância entre o elemento mudo e a idéia que lhe dá sentido e que, por isso, tal elemento onírico é um símbolo do pensamento onírico inconsciente.

O simbolismo freudiano dos sonhos foi bastante criticado pelos psicólogos da época, pois se aproximava muito do ideal popular da interpretação dos sonhos que permitia interpretar um sonho sem fazer perguntas ao sonhador.

Freud fazia questão de afirmar que o simbolismo não substituíra a técnica de associação livre, apenas a suplementava e que não era um simbolismo individual ou uma peculiaridade daquele sonhador. O simbolismo encontrado nos sonhos é também empregado por mitos, contos de fadas, ditados e canções populares, o que nos faz supor tratar-se de um modo de expressão antigo, que embora extinto, aparece às vezes em diferentes campos de fenômenos.

O estudo do sonho vem confirmar todas as premissas da psicanálise, ou seja, a natureza inconsciente dos fenômenos mentais e os mecanismos a que estes obedecem.

Para Freud a analogia entre as atitudes neuróticas e os sonhos, leva a crer que, como é possível o sonho confuso e incoerente nascer de um homem racional, também as neuroses são frutos de jogos de forças mentais, e podem ser compreendidas e curadas.

Procuramos fazer uma síntese das principais idéias elaboradas por Freud no estudo dos sonhos. É fácil, daí inferir o seu pensamento em

relação ao imaginário já que o sonho é um análogo da arte, do devaneio e das criações imaginárias de modo geral.

Mais adiante retornaremos a estas reflexões ao tentar fazer um paralelo entre a posição de Freud e a de Bachelard em relação ao problema do imaginário.

III – BACHELARD E O IMAGINÁRIO

1 – O Pensamento de Bachelard

Vamos encontrar na obra de Bachelard duas vertentes, uma científica, onde ele faz uma análise do conhecimento científico e uma poética, onde ele trata do imaginário.

Embora pareçam contraditórias essas duas vertentes se complementam, já que o homem é, ao mesmo tempo, Razão e Imaginação e consegue prolongar-se através da ciência ou da poesia.

Na vertente científica Bachelard faz uma análise epistemológica sobre a ciência, procurando levar em conta a historicidade deste objeto. Para ele não tem sentido refletir sobre a natureza e o valor da ciência para daí extrair as condições de possibilidade ou os títulos de sua legitimidade. A reflexão epistemológica deve recair sobre as ciências em vias de se fazerem, procurando analisar suas condições reais de desenvolvimento.

É contra o positivismo de Émile Meyerson que se insurge; Bachelard, tentando mostrar que a ciência não é representação, mas ato e que não é contemplando, mas construindo, criando, produzindo que chegamos ao conhecimento científico.

Uma das funções primordiais da epistemologia bachelardiana consiste em estabelecer uma “ruptura” com os “obstáculos” que impedem a objetividade científica. Um dos obstáculos mais difíceis é a imagem, que no terreno científico compromete toda racionalidade possível, como veremos mais adiante.

Na vertente poética retornamos à imaginação, desta vez porém, propondo um método adequado de estudo que permita captá-la na sua verdadeira realidade. A imagem deixa aí de ser um obstáculo para se tornar um ultrapassamento da realidade, e é imaginando que o homem se torna um “super-homem” pois só assim ultrapassa a condição humana.

Muitos críticos acusavam de contradição o pensamento de Bachelard, por apresentar duas vias que se opõem. Diz Quillet estar Bachelard ciente de sua rachadura intelectual e, sempre que criticado, procurar responder com a anedota: “Quando passei da prática e do ensino das ciências à filosofia, não me sentia tão plenamente feliz quanto havia esperado.

Procurava em vão a razão da minha insatisfação até o dia em que no ambiente familiar dos trabalhos práticos na Faculdade de Dijon, ouvi um estudante falar de meu “universo pasteurizado”. Isso foi uma iluminação para mim; era isso: nenhum homem poderia ser feliz num mundo esterilizado. Era preciso urgentemente que eu fizesse pulular e formigar nele os micróbios para lhe restabelecer a vida. Corri aos poetas e entrei na escola da imaginação”.⁶

Inicialmente vamos abordar o imaginário e seu papel na vertente científica para em seguida mostrar o que Bachelard pretendia com a fenomenologia da imaginação.

2 – O Imaginário na Ciência

O conhecimento científico é uma construção para Bachelard. A ciência cria seus objetos através de rupturas com o senso comum, com as opiniões primeiras ou com os preconceitos que interferem nessa construção. O racionalismo bachelardiano é um racionalismo aberto que prega a renovação inconstante dos conceitos científicos, que devem ser sempre retificados ou reformados. Por isso, a ciência não pode jamais fixar-se em determinado momento, pois o que a caracteriza é a mobilidade e o progresso constante. Se o pensamento é progressivo e seu progresso é o resultado de suas reorganizações, torna-se necessário afastar os obstáculos, os que surgem e impedem esse desenvolvimento da razão. Enfrentando estes obstáculos o pensamento científico corre o risco de estagnação; daí a luta constante de Bachelard contra os obstáculos epistemológicos.

Estes obstáculos não são externos, como por exemplo, a complexidade dos fenômenos, a debilidade dos sentidos ou do espírito humano, mas estão no ato mesmo de conhecer. Diz Bachelard: “é no ato de conhecer, intimamente, onde aparecem por uma espécie de necessidade funcional, os entorpecimentos e as confusões”.⁷

Se o pensamento é eminentemente progressivo é necessário afastar tais obstáculos que interferem na prática científica e são uma resistência do pensamento ao próprio pensamento.

Segundo Bachelard, um espírito científico passaria por três estados durante o desenvolvimento: no primeiro, denominado, “estado concreto”, o espírito captaria as primeiras imagens dos fenômenos, no segundo, que recebe o nome de “estado concreto abstrato”, este procuraria explicar a experiência através de esquemas geométricos. — Este estado seria paradoxal e apesar de fazer abstrações procuraria fundá-las através de uma intuição sensível. E, por último, viria o “estado abstrato”, onde o espírito se desligaria da experiência imediata e atingiria um grau de abstração mais elevado.

A lei dos três estados bachelardiana não possui nenhuma correspondência histórica e, segundo ele, é bem mais precisa que a de Comte... O objetivo dela é caracterizar as três etapas do pensamento científico e mostrar que, para se atingir o terceiro estado, é necessário afastar os obstáculos que constituem a base afetiva do conhecimento.

Um dos obstáculos mais sérios é a experiência imediata, que se apresenta repleta de imagens. O que há de imediato nessa experiência básica são nossas paixões e fantasias que, projetados no conhecimento, impedem a sua objetividade. O conhecimento comum se caracteriza essencialmente pelas imagens que nascem de nosso interior e ameaçam o conhecimento científico.

O espírito deve formar-se contra esse conhecimento imediato, contra essas imagens primeiras. A ciência não é fácil, ela se constrói contra esse conhecimento comum.

Em lugar de partirmos das experiências imediatas devemos seguir o movimento epistemológico inverso, voltando-nos para o abstrato e dele indo até as experiências a fim de ordená-las. Esse é o "Racionalismo Aplicado" de Bachelard.

A partir da noção de obstáculo epistemológico, Bachelard introduz a psicanálise em sua epistemologia. Diferentemente de Freud, a psicanálise bachelardiana vai-se voltar para o conhecimento, em lugar de procurar entender o sentido do comportamento humano. Diz Bachelard: "A psicanálise terá um trabalho maior do que imagina, se estende suas investigações na direção da vida intelectual. Em efeito, a psicanálise clássica, preocupando-se especialmente de interpsicologia, isto é, das reações psicológicas individuais determinadas pela vida social e pela vida familiar, não dirigiu sua atenção para o conhecimento objetivo".⁸

No conhecimento imediato o espírito se introverte, pois busca as explicações no inconsciente repleto de imagens e fantasias e, conseqüentemente, se imobiliza. A psicanálise terá por objetivo denunciar essa base afetiva do conhecimento, afastando as imagens que surgem desse primeiro contato com o fenômeno.

Antes de qualquer descrição é necessário psicanalizar ao observador para que as imagens reprimidas não venham interferir no conhecimento. Diz Bachelard: "Sem a conformação racional da experiência que determina a posição de um problema, sem este acudir constante a uma construção racional bem explícito, se facilitará a constituição de uma espécie de inconsciente do espírito científico que logo exigirá uma lenta e penosa psicanálise para ser exorcizado".⁹

Há casos em que uma só imagem constitui toda a explicação, como por exemplo mostra um artigo de Réaumur publicado nas **Memoíres**

de l'Academiê des Sciences em 1731. Aí ele diz ser muito comum considerar o ar como uma esponja, pois tal idéia é apropriada para explicar porque o ar se deixa comprimir ou se torna rarefeito ou, ainda, aparecer com um volume que ultrapassa bastante o que tinha noutra ocasião. Bachelard pede desculpas pela citação longa de tal artigo e diz a seguir: "Fazia-nos falta trazer um exemplo um tanto longo, onde a acumulação de imagens violentara evidentemente a razão e no qual o concreto acumulado sem prudência oculta a visão abstrata e clara dos problemas reais".¹⁰

Como a abstração dinamiza o pensamento, deve-se procurar as construções racionais que asseguram o contínuo dinamismo, afastando os obstáculos que se interpõem na razão.

Deve-se, porém, ter cuidado com as racionalizações prematuras que desempenham na formação do espírito científico o mesmo papel das sublimações da libido na formação artística.

3 – Fenomenologia da Imaginação

Como a imagem é nociva no campo da ciência, a atitude científica exige que se resista à invasão do imaginário na prática científica. Mas no mundo irreal dos sonhos a imagem torna-se benéfica e positiva.

Bachelard vai propor em sua vertente poética uma fenomenologia da imaginação a fim de estudar a imagem nela mesma. O método racional, usado na ciência, se torna ineficaz no estudo da imagem, pois a transforma em objeto e anula, assim, suas principais características.

A sua orientação fenomenológica iniciada em "A Poética do Espaço" é complementada em "A Poética do Devaneio", onde ele analisa o ser da imagem, ressaltando sua singularidade e mostrando que esta transcende a simples representação das coisas que são apenas maneiras de expressarmos nossas imagens. A imaginação não reproduz a alma, mas cria realidades novas e, por isso, tem a função "desrealizante".

Sendo um obstáculo ao conhecimento científico, a imagem não deve ser eliminada totalmente mas apenas afastada da prática científica e retomada no momento do devaneio quando nos é permitido sonhar.

Bachelard define o método fenomenológico como: "o estudo do fenômeno da imagem poética no momento em que ela emerge na consciência como um produto direto do coração, da alma, do ser do homem tomado na sua atualidade."¹¹

Torna-se então necessário, determinar o ser da imagem, através de uma fenomenologia, ou seja, procurar senti-la em sua "repercussão". A atitude racional sufoca a "repercussão", que seria o verdadeiro despertar da alma poética no leitor da poesia. Dando-se a "repercussão" nos sentimentos como os criadores da imagem e nos identificamos com seu autor. Diz

Bachelard: "A repercussão opera uma revirada do ser. Parece que o ser do poeta é nosso ser".¹²

Em sua vertente poética Bachelard fala da natureza da imagem, esta matéria onírica especial, que em nada se assemelha ao conceito científico. A imagem é sempre nova, é sempre começo puro, não exigindo qualquer saber prévio, diferentemente do conceito que pressupõe um passado. A objetividade da ciência é substituída, no mundo dos sonhos, pela transubjetividade da imagem que apesar de subjetiva é compreendida e aceita por todas as almas. Podemos também ressaltar a diferença entre a linguagem científica e a linguagem poética, pois enquanto o conceito é mediato, expressando algo diferente dele, a imagem está situada numa região anterior à própria linguagem, na origem do ser falante e não remete a nada que não seja ela mesma.

Em "A Poética do Devaneio", Bachelard retoma o androgenismo de Jung, ao afirmar que o ser humano é habitado por duas raízes, alma e animus. No homem se sobrepõe o *animus*, responsável pela prática científica e pela competição social, enquanto as raízes femininas (*anima*) só aparecem nos momentos de devaneio, fazendo o homem habitar o mundo do imaginário.

Bachelard critica a psicanálise freudiana, na medida em que ela tenta racionalizar a imagem e, com isso, mata a sua especificidade ao mesmo tempo que conceitualiza os símbolos. O psicanalista se afasta da obra de arte, detendo-se nos sofrimentos do artista e tentando explicá-la a partir deles. Bachelard pretende captar a imagem nela mesma, em lugar de a substituir por uma idéia. Conforme diz Bachelard: "Não há nenhuma necessidade de ter vivido os sofrimentos do poeta para compreender o reconforto da palavra oferecida pelo poeta — reconforto da palavra que domina o próprio drama".¹³

O objetivo de Bachelard é constituir uma verdadeira antologia da imaginação e, ao fazer isso, mostra que o homem pode-se integrar ao mundo, através da atividade operatória da ciência como também através do imaginário.

IV – CONCLUSÃO

O objetivo de Freud ao estudar o sonho é compreender a psicologia do eu. Através do sonho ele procura entender o ser humano, seu comportamento e seu psiquismo. Chega então à conclusão de que o sonho é um despistamento de desejo recalçado, e que a reação onírica apresenta seus elementos ligeiramente modificados devido à censura.

Ao afirmar ter o sonho um sentido, Freud mostra que considera o onírico como operação inteligível, que se transformou num jogo de

elementos enigmáticos, a fim de despistar um desejo inconsciente, que depois de interpretado passa a ser compreendido racionalmente.

Bachelard sempre afirmou a oposição entre seus dois mundos: o da ciência e o da imaginação. Através deles o ser humano tenta se ultrapassar. O espírito científico deve-se formar contra os obstáculos que o imobilizam e no campo da ciência, o imaginário é um deles e, por isso, deve ser afastado.

Na sua fenomenologia da imaginação, porém, Bachelard vai mostrar que é através do devaneio que chegamos à ir.timidade das coisas e criamos um sentido novo para o mundo. A imaginação tem a função desrealizante porque deixa de ser apenas reprodução da vida, passando a ser criadora de seres e de novas realidades.

Acreditamos que o pensamento de Bachelard, apesar de rotulado de racionalista, respeitou o verdadeiro ser do imaginário desde que viu na imagem um começo absoluto, que se não poderia explicar por causas inconscientes e que só poderia ser apreendida fenomenologicamente nela mesma.

Freud, apesar de ter criticado o determinismo psíquico de sua época, que reduzia as manifestações do psiquismo ao fisiológico, aceitou outra forma de determinismo pois não viu no sonho apenas o imaginário, mas recorreu a desejos inconscientes para o explicar. O sonho perdeu suas características próprias, ou seja, deixou de ser ele mesmo para se transformar numa capa ocultando outra realidade.

Enquanto a psicanálise se interessa pelo sonho, a fim de buscar um sentido oculto, que o tornaria inteligível, Bachelard procura na primitividade do imaginário aquilo que o distingue do racional.

V — BIBLIOGRAFIA

Bachelard, G. — “La Formación del Espíritu Científico”, Siglo Veintiuno Editores, B. Aires, 1976.

Bachelard, G. — “A Poética do Espaço”, Abril Cultural — série Os Pensadores, S. Paulo, 1974.

Bachelard, G. — “La Poétique de la Bêverie” — P U F, Paris, 1961.

Quillet, P. — “Introdução ao Pensamento de Bachelard”.

Freud, S. — “Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise — Sonhos” — Imago, R. Janeiro, 1976.

Ricoeur, P. — “Da Interpretação — Ensaio Sobre Freud” — Imago, R. Janeiro, 1977.

Laplanche, J. e Pontalis, J. B. — “Vocabulário de Psicanálise”, Martins Fontes Editora, Santos, 1970.

NOTAS

- (1) Paul Ricoeur — “Da I E F” — p. 17.
- (2) Paul Ricoeur — “Da I E F” — p. 26.
- (3) Freud — “C I P” — p. 39.
- (4) Freud — “C I P” — p. 56.
- (5) Freud — “C I P” — p. 88.
- (6) Quillet, P. — “I P B” — p. 23.
- (7) Bachelard — “F E C” — p. 15.
- (8) Bachelard — “F E C” — p. 215.
- (9) Bachelard — “F E C” — p. 48.
- (10) Bachelard — “F E C” — p. 89.
- (11) Bachelard — “P E” — p. 342.
- (12) Bachelard — “P E” — p. 345.
- (13) Bachelard — “P E” — p. 350.